

**O USO DE PSICOTRÓPICOS NA AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA A PARTIR DE
UMA PERSPECTIVA RELIGIOSA**

Guilherme Amorim Montenegro

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade investigar o uso de substâncias psicotrópicas na América pré-colombiana, com ênfase nas práticas religiosas associadas ao consumo das mesmas. Partindo da hipótese da influência de práticas xamânicas na religiosidade nativo-americana e sua relação com o uso de psicotrópicos na busca do êxtase religioso, esboçamos um breve panorama das principais drogas utilizadas no continente, demonstrando a influência atual exercida por práticas e crenças ligadas a esses usos.

Palavras-chave: Psicotrópicos; Xamanismo; América pré-colombiana

INTRODUÇÃO

*Se as portas da percepção estiverem limpas, os homens
verão as coisas como realmente são: infinitas.”*
William Blake, *O Casamento do Céu e do Inferno*

A temática do consumo de substâncias psicotrópicas se revela plenamente atual, no contexto de crise da perspectiva proibicionista e da *Guerra às Drogas*. O uso abusivo de tais tipos de substâncias, lícitas ou ilícitas, constitui-se num grave problema de saúde pública contemporâneo; a violência gerada pelo tráfico ilegal é uma das principais causas de mortes não-naturais no mundo; e a renda gerada por essa indústria é estimada como equivalente à de setores como a indústria automobilística.

Uma visão crítica do assunto, entretanto, não poderá deixar de observar que o discurso de demonização das drogas é instrumental à política de interferência das grandes potências mundiais em conflitos nacionais, como é o caso da presença norte-americana na prolongada guerra civil colombiana, sob o pretexto de combate ao narcotráfico. O domínio

do corpo, na busca de fazê-lo *dócil e útil*, ou seja, submisso ao poder e produtivo para o mercado, alicerçado na articulação entre saber médico e poder estatal, instituiu um cânone disciplinar em que comportamentos de embriagues não seriam tolerados, principalmente quando derivados da ingestão de substâncias ilícitas (FOUCAULT, 1993)¹.

Contrário ao senso comum, que afirma ser o uso de substâncias psicoativas um tipo de degeneração, uma anomalia social, a exigir interdição e sanções, o que a arqueologia nos apresenta é que tal uso, com o objetivo intencional de alcançar estados alterados de consciência, é uma prática milenar, sendo partilhado inclusive por outras espécies animais, como javalis e primatas (SAMORINI, 2006)². Tal consumo seria um fato universal na história humana, presente em todos os continentes, geralmente ligado a práticas mágico-religiosas, comportando diversas finalidades, como o autoconhecimento, curas, divinação, auxílio à caça, comunicação com entidades espirituais, produção artística, etc (SANTOS, 2004)³; o uso patológico seria uma exceção, não a regra, cuja explicação estaria na perda dos aspectos rituais, da qual derivaria uma dessacralização, e conseqüente banalização desse tipo de experiência.

O evento da conquista e colonização do continente americano pela Europa foi responsável por um processo crescente de trocas culturais e ecológicas (apesar do caráter desigual dessas relações) entre sociedades de diferentes sistemas econômicos, organizações políticas e práticas religiosas. Dentre os elementos objetos de tais trocas, figuram diversas plantas de natureza psicotrópica. Algumas foram absorvidas pelo colonizador europeu, mesmo que mediante uma alteração do sentido original de seu uso, como é o caso do tabaco (*Nicotinia sp.*), que se transformou em uma droga de consumo mundial; outras foram proibidas, como o peiote (*Lophophora williamsii*), devido à sua forte ligação com as práticas religiosas nativas, mas nunca deixaram de ser consumidas. Atualmente, observa-se o fenômeno da *redescoberta* de tais substâncias por consideráveis contingentes de pessoas, o que propiciou a criação, inclusive, de diversas organizações religiosas, como é o caso das igrejas que comungam do chá conhecido como ayhuasca (*Banisteropsis caapi* & *Psychotria viridis*), nomeadamente o Santo Daime e da União do Vegetal, no Brasil.

Pretendemos então, a partir de uma análise das práticas vinculadas ao uso de psicotrópicos na América pré-colombiana, possibilitar uma melhor compreensão de um assunto cercado de tabus e interdições, como é o do consumo de drogas atualmente. Sem descartar, previamente, as hipóteses de usos diversos (recreativos, medicinais, etc), priorizaremos em nossa investigação o aspecto religioso desse tipo de experiência, indagando acerca dos significados que poderiam assumir em relação ao sistema de crenças e práticas religiosas dominantes, que identificaremos como de natureza xamânica

PANORAMA DAS SUBSTÂNCIAS PSICOTRÓPICAS CONSUMIDAS NA AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA

É preciso compreender que o que entendemos por psicotrópicos (ou psicoativos, drogas) é determinado social, geográfica e historicamente. As definições farmacológicas não são suficientes, porque, no limite, toda substância ingerida, inclusive os alimentos regulares, poderiam ser considerados psicotrópicos, pois contribuem de uma forma ou de outra para a manutenção do metabolismo. O que caracterizaria um psicoativo como tal é a intencionalidade do uso na busca de um determinado efeito, efeito esse dependente das margens de expectativa individuais e culturalmente construídas. Segundo VARELLA:

Para os fármacos serem reconhecidos socialmente como “psicoativos”, ou melhor, que seu composto vegetal seja reconhecido como capaz de alterar a mente, o estado psíquico, e assim não interferir somente na fisiologia do corpo, devem em tese receber uma carga afetiva especial, traduzida na cultura material e simbólica, Por outro lado, nem sempre o que consideramos hoje ser “psicoativo” o foi em outras sociedades que organizam seus critérios de pensamento de forma bem distinta das concepções racionalistas de classificação científica que predominam atualmente. Noções como “purga”, “divindade”, “maravilha”, podem ser muito mais expressivos para identificar tais critérios ancestrais do pensamento sobre a droga psicoativa, especialmente quando o assunto são alucinógenos (sic).⁴

Inicialmente, realizaremos uma enumeração e descrição de algumas drogas (palavra que utilizamos sem nenhuma conotação pejorativa) presentes nas diversas culturas americanas pré-1492. Devemos, porém, assinalar que as fontes mais imediatas, principalmente dos cronistas espanhóis (e em menor caso, portugueses) dos séculos XV,

XVI e XVII, devem ser analisadas com um certo grau de criticidade, pois muitos preconceitos, principalmente de cunho religioso, exerceram um efeito deformador em seus relatos. As demais fontes seriam de natureza arqueológica e antropológica (uso comparado; é deveras problemático utilizar a observação de sociedades atuais para inferir algo acerca de civilizações passadas, mas é muito difícil prescindir desse tipo de fonte).

A planta mais presente nos relatos, e a que foi mais universalmente absorvida pelos colonizadores foi o tabaco. Foi observado seu uso pelos nativos do Caribe já nos relatos de Cristóvão Colombo e de seus companheiros de viagem⁵, não só na modalidade fumada, como pela ingestão oral, da planta ou de sucos preparados da mesma. Seu uso teria por finalidade principal a indução de visões e comunicação com os mortos e com os deuses; porém, observou-se seu uso medicinal, através de aplicação externa nas feridas, ou mesmo pela via anal, como um enema.

A folha da coca (*Erythroxylum coca*) assumiu um papel extremamente relevante na região andina, chegando a funcionar como moeda de troca. Por suas funções estimulantes, medicinais e sagradas, era tida como bem valioso. Fazia parte da lista de produtos a serem entregues como tributos durante o domínio do Império Inca, havendo indícios de uma tentativa de controle de sua produção e distribuição pelo poder central (que não se constituiu em efetivo monopólio, entretanto). Formalmente condenada no primeiro Concílio Eclesial em Lima, 1551; novamente em 1567 como conectada à idolatria e bruxaria, não sofreu de uma proibição rigorosa: primeiramente, porque eram os espanhóis os proprietários das grandes fazendas produtoras de coca; também porque a coca servia para garantir a produtividade de trabalho indígena por longas horas⁶. Dela é extraída a cocaína, que teve (e tem) um considerável uso médico, e que responde por fatia considerável do mercado de drogas ilícitas.

O cacau, o mate e o guaraná são bebidas de caráter estimulante. O primeiro deu origem ao chocolate; apesar de nativo da floresta amazônica, era consumido pelos astecas. Por ser um artigo precioso, também funcionou como moeda em trocas comerciais. Era servido quente, às vezes acompanhado por açúcar, ou misturado a outras plantas psicotrópicas. O mate (*Ilex paraguariensis*) era encontrado no sul da América, e consumido

como chá. O guaraná (*Paullinia cupana*) é um arbusto amazônico, cujo princípio ativo assemelha-se à cafeína.

Ayhuasca (em quéchua, significaria *cipó dos espíritos*), também conhecida como yagé, é o nome da bebida preparada pelo cozimento de um cipó (*Banisteropsis caapi*) e de um arbusto (*Psychotria viridis*). Sua ingestão provoca náuseas, vômitos e diarreia, sendo tomada como purgante; seu uso mais patente, entretanto, é o de caráter religioso. Propicia visões luminosas, nas quais se vislumbram recorrentes formas geométricas, similares aos padrões abstratos da arquitetura e pintura incas. Seus ingredientes são originários da floresta amazônica, e o primeiro registro histórico acerca dessa bebida é de 1851, quando o botânico e explorador britânico Richard Spruce foi convidado a participar de uma cerimônia com os índios tucanos, no Equador⁷.

O Peiote (América Central) e o San Pedro (Andes) são cactos que possuem mescalina, princípio ativo alucinógeno. Encontrados no deserto, sua coleta já era tratada como parte de um ritual religioso. Associados a práticas denunciadas pela Igreja Católica como feitiçaria, o primeiro é proibido em 1620. Seu uso clandestino permaneceu, gerando uma organização religiosa nos EUA reconhecida pela Suprema Corte: a Igreja Cristã Nativo-americana, que tem por sacramento a ingestão do peiote.

A jurema (*Mimosa hostilis*) é uma leguminosa encontrada no nordeste brasileiro. Os índios a utilizavam como estimulante, para caçar e guerrear. Também era utilizada com fins mágicos, de estimular a divinação, ao proporcionar sonhos. É citada por José de Alencar: a protagonista de uma de suas obras, *Iracema*, é filha do pajé; guardava o segredo da jurema, sendo uma virgem consagrada ao feitiço da bebida alucinógena dela derivada⁸.

Os chamados “cogumelos sagrados” (*Psilocybe sp.*) são uma variedade de espécimes capazes de provocar efeitos que vão do bem estar ao horror, induzindo visões que são experimentadas como intensamente reais. Típicas da América Central, atualmente movimentam um verdadeiro “turismo psicodélico”, que desfigurou profundamente as práticas religiosas a que se ligavam, sendo muito difícil distinguir o que é autêntico do que seriam *tradições inventadas*.

Bebidas alcoólicas fermentadas, como o pulque (encontrado na mesoamérica, extraído do agave ou maguey) e a chicha (andina, à base de milho) tinham um papel relevante nas cerimônias populares, sendo ofertadas pelo Estado, como demonstração do poder das classes dominantes.

Citamos algumas das substâncias que consideramos principais. Muitas ficariam para ser citadas: a *salvia divinorum*, poderoso dissociativo composto por DMT; as brugmânsias; as daturas, etc. Porém, nosso objetivo não é listar enciclopedicamente espécies vegetais. Tencionamos demonstrar a diversidade de substâncias psicotrópicas presentes nas diversas culturas americanas, e o uso que é feito delas pelas pessoas das mais diversas classes sociais. Existiram usos mais restritos (o cacau e o peiote, pela sua escassez), e, em muitos casos, havia um controle, pelo Estado ou pelos xamãs das substâncias (em certa medida, a coca no primeiro caso; a ayhuasca e a jurema no segundo, devido às dificuldades do preparo), porém, verifica-se um consumo disseminado das mesmas. Não um consumo abusivo (o que não deve ser descartado *a priori*, mas entendido como exceção), mas regrado, controlado por rituais, datas festivas e especialistas (os xamãs).

Nos interessa principalmente os usos mágico-religiosos de tais substâncias, que são denominados, pela literatura especializada, *enteógenos*, um neologismo derivado de uma palavra grega que, originalmente, significa “tornar-se divino interiormente”, em referência aos estados considerados divinos induzidos pela ingestão de tais substâncias. Para isso, teremos que examinar alguns elementos da mentalidade predominante nas sociedades americanas pré-colombianas referentes ao universo espiritual.

RAÍZES XAMÂNICAS DA RELIGIOSIDADE AMERICANA PRÉ-COLOMBIANA

A tese que orienta nosso trabalho advém de Mircea Eliade e Weston La Barre: a da existência de uma continuidade entre as práticas xamanistas dos povos caçadores-coletores boreais e sub-árticos siberianos e as civilizações que se desenvolveram no continente americano⁹. No que pese a existência de pesquisas e descobertas arqueológicas que afirmam que houve seres humanos autóctones na América, não há uma contradição entre essa tese e a ocorrência efetiva de migrações. Durante o último período glacial (8.000 a.c.),

havia uma continuidade entre os continentes asiático e americano; as tribos de caçadores-coletores teriam transitado da Sibéria para o Alasca em busca de caça. Nesse processo, trouxeram suas tradições e práticas religiosas para o continente americano, sendo o xamanismo uma das contribuições mais marcantes.

O xamanismo não é uma forma de religião organizada, institucional; é encarado como um sistema de práticas e crenças em que a magia não estaria em oposição ou dissociada da religião. Sinteticamente, podemos afirmar que seu pressuposto seria a existência de um mundo espiritual em permanente interação com a vida terrestre: não haveria separação entre mundo dos vivos e dos mortos, sendo possível que houvesse comunicação entre essas duas esferas. O papel de intermediário entre esses dois universos seria do xamã, um homem sagrado, portador de qualidades excepcionais. Exercia o papel de conselheiro espiritual e de curandeiro (o processo de cura era entendido também no seu aspecto religioso, na medida em que todas as doenças teriam uma causa espiritual). Sua seleção era marcada por ritos iniciáticos especiais, no qual a auto-flagelação, jejuns e rituais de morte e ressurreição simbólicas estariam presentes. Uma vez iniciado, a vida do xamã seria subordinada ao seu desenvolvimento espiritual e a servir a comunidade. Sua posição social era privilegiada: não obtinha sustento de seu próprio trabalho, mas comunidade, e, num momento posterior de transição à religião organizada, do Estado.

Não se deve lidar com o conceito de xamanismo como uma explicação universal para todos os aspectos da cultura americana nativa; atenção deve ser dispensada, também, às diferenças de complexidade de organização social encontradas historicamente (de sociedades de caçadores e coletores, como os índios brasileiros; a sociedades de classe, nas quais existe já uma considerável divisão social do trabalho e Estado, como entre os Incas, Astecas e Maias; e toda uma série de estágios intermediários). Contudo, tal conceito demonstra ter uma frutífera capacidade analítica.

ALUCINÓGENOS E A BUSCA DO ÊXTASE RELIGIOSO

O consumo de alucinógenos deve ser entendido na perspectiva da busca do transe religioso de caráter extático, típico do xamanismo. O êxtase (arrebato, em grego;

significaria a experiência de separação da alma em relação ao corpo) seria o fenômeno central da experiência religiosa xamânica, momento privilegiado de contato pessoal e direto com o divino, uma abertura que permitiria exercer poder sobre a realidade material, mediante as artes divinatórias (profetização de eventos futuros, como guerras, secas, terremotos; clarividência de fenômenos distantes; capacidade de diagnosticar doenças, etc.). O consumo de peiote, ayhuasca, cogumelos sagrados, e mesmo, em certas modalidades, de tabaco, estaria vinculado a tais finalidades, não a uma mera busca de prazer pessoal. Os psicotrópicos eram considerados materializações de divindades, e ingeri-los permitiria ao xamã incorporar o poder da divindade, tornando-se ele, também, divino, absorvendo poderes mágicos.

O conhecimento de mais de uma centena de substâncias com propriedades psicoativas na América, em comparação com a escassez européia (pouco mais de uma dúzia) poderia ser explicado pelo fato de que:

(...)tendo o shamanismo sobrevivido nas Américas, estava, por assim dizer, culturalmente programado para um interesse em alucinógenos e outras drogas psicotrópicas. E não apenas um interesse por elas: o curandeiro, tanto pelo treinamento quanto pelo instinto, sabia como explorar o uso das drogas.” (tradução nossa)¹⁰

São muitas as pesquisas que indicam uma relação entre o consumo de psicotrópicos e a cultura xamanista. O trabalho que pode ser considerado inaugural dessa corrente é a obra de Robert Gordon Wasson, um banqueiro americano que, como amador, ofereceu significativas contribuições no campo da antropologia e etnobotânica. Após participar de uma cerimônia religiosa no México, em 1957, onde ingeriu cogumelos do tipo *Psilocybe cubensis*, desenvolveu pesquisas acerca da relação entre o uso de cogumelos alucinógenos e religiosidade. Concluiu que o *Soma*, bebida sagrada dos livros védicos, era proveniente do *amanita muscaria*, um cogumelo psicoativo presente na Sibéria; e que o *kykeon*, bebida ritual presente nos Mistérios de Elêusis, culto grego em honra de Deméter e Perséfone, continha alcalóides de ergolina, substância psicotrópica extraída do fungo *Ergot*, (*Claviceps purpurea*), do qual se sintetizou o LSD¹¹.

Os estudiosos da antropologia e história das religiões que se debruçaram sobre as práticas e crenças xamanistas dividiram-se em duas correntes acerca do uso de drogas na busca do êxtase religioso: os que consideravam que o uso de psicoativos sinalizaria a decadência do xamanismo autêntico, na medida em que indicaria a incapacidade do xamã de entrar em transe mediante os processos naturais, tais como o jejum, a auto-flagelação, privação do sono, danças, etc (Mircea Eliade); e os que negam a postura anterior, compreendendo-na como uma idealização do que *deveria ser* a prática mística, afastada de um intuito de conhecer o que realmente é (Weston La Barre). O próprio uso de psicoativos não poderia ser percebido como busca de um “atalho” para o êxtase, visto que:

(...) o misticismo gerado pela experiência “psicodélica” não se trata de algo “fácil” ou “instantâneo”. Em geral, além de depender de um trabalho de condicionamento, de concentração mental em um ambiente propício (o que se convencionou chamar de “set” e “setting na literatura de língua inglesa), o grau de uma experiência profunda e definitiva está vinculada a muito esforço e coragem, e inclusive “o usuário de droga pode passar por um descenso em uma loucura e tormento e até em algo que se assemelhe à agonia da morte antes de chegar ao júbilo da integração e renascimento”. Ou seja, exatamente como sucede no transe iniciático xamânico “puro” alcançado sem intoxicação por drogas, processo exaustivamente descrito por Eliade.¹²

REAÇÃO DOS COLONIZADORES AO USO DE PSICOTRÓPICO

A postura frente ao uso de psicotrópicos por parte das populações nativas (e de colonos) variava de acordo com determinados elementos. Como vimos anteriormente, a coca não foi proibida, apesar dos esforços da Igreja católica, pois seu uso era lucrativo para os colonizadores em dois aspectos (na venda do produto e no aumento da produtividade do trabalho indígena). O mate e o guaraná foram absorvidos pela cultura dominante, expurgados de seus significados religiosos e identitários. O cacau transformou-se na base do chocolate, alimento de consumo mundial. O tabaco expandiu-se de forma incontrolável, apesar das tentativas de proibição por parte de vários Estados, da pregação contrária ao seu uso de diversas igrejas, e do discurso médico dominante adverso.

Nos casos, porém, em que as considerações comerciais eram inexistentes, e em que o psicoativo em questão era indissociável das práticas religiosas tradicionais, a postura era de proibição total. Os fenômenos decorrentes da experiência com a droga eram assimilados a possessões diabólicas, e as visões que porventura ocorressem eram vistas como originárias do demônio. Viam-se as manifestações religiosas americanas pelos olhos da experiência européia:

Tudo o que pudesse ser suspeito de idolatria, o que abarcaria entre outros usos e costumes, os ritos de passagem, a medicina, os hábitos alimentares, festas sazonais, consultas de calendários, formas de vestir, e inclusive a utilização de drogas seria combatido.

Especula-se que o repúdio aos alucinógenos americanos pelos clérigos da conquista espiritual foi devido à associação automática com as práticas de bruxaria européia que faziam pactos dentro de festins sexuais e canibalísticos com o demônio e na calada da noite, e que tinha, fama de utilizar poderosas plantas que causariam delírios e loucura terríveis, como o jusquiame e a mandrágora.¹³

Não se deve descartar que, sendo um elemento de identidade sócio-cultural, os ritos xamânicos eram vistos, pela Igreja e pelo Estado, como ameaças ao seu domínio, devendo ser, portanto, eliminados.¹⁴

CONCLUSÃO

Da chamada “Descoberta”, não seguiu apenas a colonização da América pela Europa: a própria Europa, e o mundo todo, seriam também “colonizados”, por sua vez. As plantas existentes no Novo Mundo não somente alimentariam os estômagos, mas também o espírito de muitos. Ao se encontrar com os nativos das novas terras, o europeu se reencontrou com uma parte esquecida de sua própria história evolutiva: os rituais de êxtase xamânicos, o uso religioso de drogas, a busca da liberação do inconsciente através de uma disciplina do transe. Olhando-se nesse espelho, não suportou a visão do seu próprio rosto: afastou-se horrorizado e recusou o que via. Negou o *Outro* que o confrontava, e, nesse movimento, negou, permanentemente, uma parte de si mesmo.

A cultura racionalista em formação na Europa, que se propunha a ser universal, negou a validade do onírico, do inconsciente, que era a dimensão que as práticas religiosas xamânicas buscavam atingir. Mas o projeto unilateral da sociedade técnico-científica não vingou, em parte porque não atendeu a esses anseios profundos da subjetividade humana. As práticas religiosas nativas, tão dura e longamente reprimidas, reemergiram na América, e exerceram influência no mundo inteiro. O uso de psicotrópicos hoje, nas mais diversas modalidades (religiosa, autoconhecimento, entretenimento), não deriva exclusivamente do Novo Mundo: a *cannabis*, o ópio, as bebidas alcoólicas eram já conhecidas no Velho Mundo, então, e não era de todo estranho seu uso em rituais religiosos (o vinho na Grécia e Roma clássicas e no cristianismo primitivo; a *cannabis* entre monges tibetanos e místicos hindus como instrumento de concentração)¹⁵; porém, as trocas culturais pós-1492 provocaram um reforço nas práticas de experimentação com psicotrópicos e sua difusão.

Pensamos que ficou demonstrado que o uso de substância psicoativas não deve ser analisado prioritariamente pelo viés farmacológico, mas pelo cultural. Finalizamos concordando com SANTOS:

O antropólogo Edward MacRae (1992) disserta sobre como sanções socioculturais empregadas por grupos que fazem um uso ritualizado de psicoativos são mais eficazes que as leis proibicionistas de grande parte das nações quando comparamos os efeitos sociais do controle e forma de uso destes diferentes pontos de vista. Alberto Groisman (2000), em sua tese de doutorado sobre as igrejas do Santo Daime na Holanda, afirma que, na maioria das vezes, os aspectos socioculturais são mais importantes (e, inclusive, *moldam/controlam*) nas experiências com psicoativos do que os aspectos psicofarmacológicos.

Com estes argumentos – que não são exaustivos – podemos observar e, pelo menos, reavaliar nossa postura perante o atual modelo de relação que temos com os psicoativos em geral e, especialmente, com os enteógenos. Esta atual “guerra contra as drogas” mostra-se, cada vez mais, uma guerra etnocida, como já havia dito o antropólogo Anthony Henman em 1986.¹⁶

NOTAS

¹ FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 10^a ed. Petropolis: Vozes, 1993. ISBN 8532605087

² SAMORINI, Giorgio. <http://www.samorini.net/eto/etologia.htm> (consultado em 07/12/2006).

³ SANTOS, Rafael Guimarães dos. Aspectos culturais e simbólicos do uso dos enteógenos.

http://www.neip.info/downloads/t_rafa_san2.pdf (consultado em 10/12/2006), p. 4.

⁴ VARELLA, Alexandre Camera. A cultura do uso de psicoativos nas grandes civilizações pré-colombianas. <http://www.neip.info/textos.html> (consultado em 10/12/2006), p. 11.

⁵ INGLIS, Brian. *The Forbidden Game: A Social History of Drugs*. <http://www.druglibrary.org/schaffer/lsd/inglis.htm> (consultado em 03/12/2006)

⁶ INGLIS, Brian, *op. cit.*

⁷ KIDDER, Charlie. Vine of the Souls: A Closer Look at Amazonia's Visionary Medicine. *The Resonance Project*, Issue 1, Summer 1997. http://www.erowid.org/chemicals/ayahuasca/references/other/1997_kidder_resproject_1.shtml (consultado em 05/12/2006). Seu princípio ativo é o DMT (contido no cipó), que só se torna eficiente pela ingestão de IMAO (contido no arbusto). A combinação desses dois elementos trouxe uma série de discussões inacabadas acerca do processo pelo qual se chegou a essa fórmula. Muitos afirmaram que a mera tentativa e erro não permitiriam que, dentre milhares de plantas disponíveis, fosse encontrada uma combinação tão exata em termos farmacológicos, inferindo daí uma origem mágica da própria mistura. Tal tese, porém, não se fundamenta em nenhum elemento factual, nem é verdadeiro que as seguidas tentativas não pudessem proporcionar tal descoberta. Seu consumo ritualizado inspirou a criação de igrejas sincréticas, de vertente espírita, fortemente influenciadas por cultos africanos e indígenas (Santo Daime, Barquinha).

⁸ ALENCAR, José de. *Iracema: lenda do Ceará*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995.

⁹ VARELLA, Alexandre Câmera, *op. cit.*, p. 49.

¹⁰ INGLIS, Brian, *op. cit.*

¹¹ WASSON, R. Gordon., HOFMANN, Albert., RUCK, Carl A. P. *The Road to Eleusis: Unveiling the Secret of the Mysteries* <http://www.druglibrary.org/schaffer/lsd/eleucont.htm> (consultado em 03/12/2006). Para avaliar uma hipótese contrária no caso dos mistérios eleusinos (sobre a probabilidade de existir *ergo t no kykeon*), ver VALENCIC, Ivan. Has the Mystery of the Eleusinian Mysteries been solved? *Yearbook for Ethnomedicine and the Study of Consciousness*, Issue 3, 1994, pp325-336. VWB - Verlag für Wissenschaft und Bildung, 1995 <http://www.druglibrary.org/schaffer/lsd/valencic.htm> (consultado em 03/12/2006)

¹² VARELLA, Alexandre Câmera, *op. cit.*, p. 42-43.

¹³ VARELLA, Alexandre Câmara, *op. cit.*, p. 27-28. Para uma análise do sabá e o uso de psicotrópicos, no contexto da herança cultural xamânica, ver GINZBURG, Carlo *História Noturna: decifrando o Sabá*. 2ª ed. São Paulo: Companhia da Letras, 2001, p. 260-265.

¹⁴ INGLIS, Brian, *op. cit.*

¹⁵ SAMORINI, Giorgio. <http://www.samorini.net/antrop/antrop.htm> (consultado em 06/01/2007).

¹⁶ SANTOS, Rafael Guimarães dos, *op. cit.*, p. 7.